ELIAS : SOLIDÃO E MORTE

Prof. Dr. Ricardo de F. Lucena
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este artigo discute e analisa a obra "*La soledad de los moribundos*" de autoria de Norbert Elias. O texto trata da morte e do envelhecimento e da forma como os indivíduos nas sociedades desenvolvidas do Ocidente lidavam com esses fatores no passado e como lidamos hoje. O tratamento dado ao tema por Elias torna o texto como uma síntese de muitos conceitos abordados por ele em vários outros trabalhos. Aqui discorri sobre dois aspectos: primeiro, o crescente grau de pacificação interna das sociedades hodiernas e, segundo, o alto grau de individualização. O intuito foi mostrar que Elias considera a morte e o modo de tratar os moribundos como um dos pontos débeis das sociedades desenvolvidas de nosso tempo.

Elias: Solidão e Morte

Em um trabalho anterior,¹ tentei ler o texto de Elias sobre a velhice e a morte a partir de um diálogo com a poesia de Fernando Pessoa² e aí aproximar a idéia de solidão e envelhecimento sugerida pelo poeta e a relação da morte e solidão dos velhos analisada pelo sociólogo. Naquele momento, o desejo não era aprofundar os tópicos apontados por Elias, mas indicar a relação com uma leitura em especial — a do poeta — e a possibilidade de mostrar, a partir de minha própria experiência, mudanças percebidas no tocante à morte e ao envelhecimento. Aqui, agora, o desejo é aprofundar mais temas do texto "*La soledad de los moribundos*" e apresentá-los como um trabalho relevante entre tantos textos escritos por Norbert Elias.

"*La soledad de los moribundos*" é um livro instigante. É porque trata de um tema, mesmo presente na vida, cercado de mistério — a morte. É porque nele a teoria do processo civilizador trava um "diálogo" com um objeto específico na longa duração e, com isso, o autor cria uma situação que nos faz quase apalpar, sentir "com o tato", tanto do que Elias

1 LUCENA, R. De solidão e outras falas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR : EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E LAZER, 3., 1998, Piracicaba. *Anais...* Piracicaba : UNIMEP, 1998, p. 250-256.

2 O texto de Pessoa escolhido naquela oportunidade foi a poesia "Aniversário" de Álvaro de Campos, que sugere a idéia de envelhecimento e solidão. In: PESSOA, F. *Poesia de Álvaro de Campos*. Lisboa : Ática, p. 284-286.

trata em muitos dos outros trabalhos. Nesse sentido, consegue ser uma síntese de vários outros textos. É instigante ainda porque nele parece que Elias fala primeiro da morte como parte de um “sentido” da vida e, ao final (apêndice), fala como que para si e de si, pois, em inúmeros momentos, usa a ele mesmo como referência do que quer discutir. Um exemplo disso é o tópico denominado “El envejecimiento e la muerte: algunos problemas sociológicos”, em que Elias já inicia dizendo: “*una experiencia que tuve en mi juventud há cobrado una cierta significación para mi ahora que soy mas viejo*”.³

Portanto, procurei apresentar o texto de forma que possamos ter mais e melhores elementos para pensarmos a obra de Norbert Elias.

Solidão e Medo Diante da Morte

O primeiro elemento que Elias nos apresenta nesse texto não é diretamente sobre a teoria do processo civilizador, nem tampouco sobre a Sociologia Figuracional, mas sobre uma atitude que, com o auxílio dessas vias de interseção, podemos tomar diante do envelhecimento e da morte. Qual seja:

Mirar de frente a la muerte como a un dado de la propia existencia; acomodar nuestra vida, sobre tudo nuestro comportamiento para com otras personas, al limitado espacio de tiempo de que disponemos.⁴

Isso porque a velhice trai – ou traz – tudo que a sociedade moderna faz tanto por esconder ou deter: a solidão, os odores, o medo da morte.

Há, na citação feita anteriormente, vários aspectos que, ao longo do texto, são pontos sempre recorrentes. Enxergar a morte como um dado da própria existência significa vê-la com menos fantasias e menos tabus

[...] dado que la explotación de los miedos y temores humanos há sido una de las principales fuentes de poder de unos hombres sobre otros hombres, estas fantasias han constituido una base para el desarrollo y el mantenimiento de gran profusión de sistemas de dominación.⁵

Esse aspecto fantasioso e envolto em uma crescente teia de tabus é um ponto caro para Elias ao longo da análise. Em “A sociedade dos Indivíduos”, ele também vai se

³ ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*. México : FCE, 1989. Além desse tópico, ver passagens nas páginas 85, 87 e 105.

⁴ ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*, p. 7.

⁵ ELIAS, N., op. cit., p. 47.

reportar ao papel das fantasias como mantenedoras da supremacia de grupos.⁶ Porém, aqui, importa mostrar que as fantasias sobre a imortalidade, que em épocas anteriores eram predominantemente coletivas, hoje sofrem um processo de diferenciação no sentido de predominar um caráter pessoal e comparativamente privado. Isso porque o medo “individual” da morte da forma como hoje se nos apresenta é acompanhado da idéia de que o velho é como um signo premonitório de nossa própria morte. E, ainda, esse medo individual é também como o medo de um castigo imposto por um pai, um acerto de seus pecados. Vide aí toda a gênese explicativa dos primeiros passos do homem sob a ótica das grandes religiões do ocidente. Para Elias, porém, muito se poderia aliviar da dor íntima de cada pessoa se se pudessem suavizar ou anular as fantasias de culpas reprimidas.

Dessa forma é que a morte assim como outros sentimentos e manifestações de natureza animal do ser humano vão se escondendo cada vez mais por trás das cortinas da vida social. Aspecto, aliás, que Elias faz questão de frisar e que embasa todo processo civilizador em curso, com uma previsibilidade crescente das questões da natureza e uma superior medida de previsão e controle das paixões.

Dito isso, dois pontos se destacam aqui – para entender a visão da morte hoje – e dos quais passaremos a tratar mais detidamente. São eles: primeiro, o maior grau de pacificação interna das sociedades; e, segundo, o alto grau de individualização.

1 A Pacificação Interna das Sociedades

A ameaça constante de um grupo humano a outro grupo humano tem sido um dos motivos das inúmeras transformações por que passam as nossas sociedades vistas num longo prazo. Não é à toa que, num texto de apresentação da teoria de Elias, Stiephen Mennell chame a atenção para o problema constante da violência como categoria relevante. Argumenta que Elias alerta para o engano de considerar a função “econômica” como se fosse mais “importante” do que a do uso e do combate ao uso da violência.⁷ Aliás, na obra de Elias, é fundamental o entendimento da análise feita e da relação constante com as mudanças no gradiente da “pulsão agressiva”. Nesse contexto, ele mesmo frisa que,

como todos os demais instintos, ela [a agressividade] é condicionada, mesmo em ações visivelmente militares, pelo estado adiantado da divisão de funções, e pelo decorrente aumento na dependência dos indivíduos entre si e face ao aparato técnico.⁸

⁶ MENNELL, S. A globalização da sociedade humana como processo social a muito longo prazo: a teoria de Elias. In: FEATHERSTONE, M. (Org.) *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 381-394.

⁷ ELIAS, N. *O processo civilizador*, p. 190 e seguintes, 1 v.

⁸ ELIAS, N. *La soledad dos moribundos*, p. 12.

O controle dessa agressividade, por sinal, cria a possibilidade da empatia crescente entre seres humanos que comungam de ritos e idéias e com isso reforçam seus laços de reciprocidade, porque, “*as idéias e os ritos comuns unem os homens; as idéias e os ritos diferentes separam os grupos.*”⁹

Na verdade, o que entra em cena é um processo de monopolização da força que permite que grupos cada vez mais extensos se vejam impelidos a conviver em crescente dependência mútua. Nesse contexto, muda a forma de ver as forças naturais extra-humanas e ascende, com um grau de exigência maior, a preocupação com o controle sobre as relações entre as pessoas e entre os grupos. Esse monopólio da violência permite a formação de centros mais estáveis de violência física e uma pacificação interna que possibilita o desenrolar e diferenciação da vida social.¹⁰

Esse sentido de mudança faz com que questões como a morte, por exemplo, ainda tão carregada de explicações fantasiosas – mas muito mais em épocas pretéritas – sofram uma mudança característica nesses últimos quatrocentos ou quinhentos anos, se compararmos com a Idade Média, argumenta Elias, quando se falava com mais frequência e mais abertamente da morte e de morrer, quando o sentimento de culpa e o medo do castigo após a morte eram doutrina oficial; nos dias atuais, as fantasias são crescentemente de caráter pessoal e privado e a forma de tratar os velhos, os cadáveres e as sepulturas tem passado das mãos dos familiares para a de especialistas.

Esse distanciamento tem criado uma tendência de estar na defensiva e uma forma de embaraço, nos demais indivíduos, quando se deparam diante dos moribundos e da morte. Para Elias, não temos criado meios efetivos de lidar, de forma aberta e franca, com as questões que a velhice e a morte nos apresentam. Como não criamos formas de identidade ou forma de comportamentos sociais correspondentes às situações críticas que acarretam a desestabilização do autocontrole, como a morte, parece que o embaraço crescente diante da morte favorece o isolamento precoce dos moribundos. As rotinas institucionalizadas dos hospitais configuram, socialmente, a situação do final da vida. Assim, a atitude dos homens diante da morte é uma idéia específica de cada estágio concreto do desenvolvimento social.

⁹ A esse respeito, ver o texto “Civilização e violência”, em *Os alemães*, p. 161-266. Ver também uma passagem de “A sociedade dos indivíduos” quando, ao tratar da questão da violência, Elias chega a dizer que: “Aquilo a que nos referimos como a esfera ‘econômica’ das interconexões – a esfera que hoje é frequentemente considerada, generalizando-se a partir da estrutura da fase inicial da industrialização, como uma esfera isolada da história e como sua única força propulsora, como o motor que aciona todos as outras esferas na condição de ‘superestrutura’ - depende do monopólio da violência. E somente se torna possível com a crescente diferenciação da sociedade, ao se formarem centros mais estáveis de violência física e pacificação interna que permitem a emergência da economia como esfera distinta na vasta trama das ações humanas”. Ver p. 42 e seguintes, sobre a questão do mecanismo monopolista; ver “O processo civilizador”, v. 2, p. 97 e seguintes.

¹⁰ ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*, p. 74.

2 O Alto Grau de Individualização

O auto grau de individualização se configura como outro aspecto importante nesse contexto, pois é preciso considerar que

La peculiaridad de la forma de morir y también de la idea de la muerte en las sociedades más desarrolladas no puede entenderse cabalmente sin tener en cuenta el poderoso impulso individualizado que se inicia en el Renacimiento y que, con muchas oscilaciones, se prolonga hasta nuestros días.¹¹

Essa individualização como processo leva à construção de relações que primam por um controle geral dos afetos, leva à negação e transformação dos instintos. Dito de outra maneira, o que pode ser visto, por um lado, como o chamado processo de individualização crescente, é visto, por outro, como um processo de civilização. E toda sociedade que rumo no sentido de um nível elevado de individualização possibilita o surgimento de formas específicas de realização e também de formas específicas de insatisfação. “*Chances específicas de felicidade e contentamento para os indivíduos e formas específicas de infelicidade e incômodo que não são menos próprias de cada sociedade*”¹². Não é à toa que a sensação de se sentir só e, efetivamente, estar só é uma característica própria dos indivíduos que vivem nas sociedades diferenciadas de hoje. Esse elevado grau de independência pessoal que vivemos hoje, essa “solidão” peculiar desse tipo de sociedade se apresenta como um fator necessário para a sua manutenção. Mas, por outro lado, apresenta “falhas” em aspectos que se constituem como pontos débeis dessas sociedades. O isolamento e a solidão dos que “ainda” não morreram e a própria idéia da morte é apenas uma delas.

Na verdade o que, num contexto mais abrangente, define esse processo de individualização é uma direção específica do processo de diferenciação social, a progressiva divisão de funções e o crescimento de cadeias de interdependência onde os impulsos e ações dos indivíduos tornam-se interligados.

Assim, acompanhando esse desenvolvimento, à medida que há uma crescente preocupação com a velhice, há também um crescente número de instituições que cuidam

¹¹ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 109. É tentador fazer uma discussão mais aprofundada sobre o processo de individualização, mas não é o caso de fazê-lo aqui. O leitor que quiser se aproximar mais do tema poderá ter mais elementos no trabalho citado logo acima e em especial no item “A individualização no processo social”, p. 102 – 125.

¹² ELIAS, N., op. cit., p. 66 e seguintes. Nessa parte, Elias fala também do que ele denomina de *homo clausus*, como fruto de uma tradição filosófica que trata o indivíduo como uma “nômoda isolada”.

dos velhos de forma mais isolada e distante do círculo familiar. Então se, na vida social, em estágios anteriores, as pessoas não tinham oportunidade, necessidade, nem capacidade de ficar sós, hoje essas longas cadeias de ação e a crescente divisão de funções abrem o caminho para uma “individualização” característica que, de certa forma, impele os indivíduos a verem-se diferenciados dos demais. Muito embora comunguem de certos aspectos da vida social, sentem como um abismo entre sua parte “interna” e a sociedade “externa”.¹³

Por fim, vale a pena ainda apontar um tema que o autor traça ao lado da individualização e é pontual para o entendimento do envelhecimento e morte hoje. Para ele, trata-se da idéia de *sentido* e *significado* da vida, para aqueles que estão prestes a morrer e para os outros que se deparam com pessoas nessa situação. Talvez por isso,

la plenitud de sentido del individuo está en la más estrecha relación com el significado que, en el curso de su vida, há alcanzado para los demás, bien por su persona, por su comportamiento o por su trabajo.¹⁴

E por isso mesmo é que uma pessoa se sente verdadeiramente só quando percebe que, ainda estando viva, não significa mais nada para os que a rodeiam.

Não há dúvida de que a tendência para o isolamento nas sociedades diversificadas de hoje, da forma como nos referimos anteriormente, faz parte da personalidade dos indivíduos e, em particular, dos velhos e moribundos. Mas, com tudo isso, em todos os casos, há uma diferenciação específica de classe, geração e sexo que dá a idéia de sentido, um estatuto de categoria social, dado que corresponde a uma pluralidade de seres humanos vinculados entre si.

No caso brasileiro, essa questão é passível de várias observações. O *sentido* da vida é muitas vezes medido pelo *significado* da morte. O “outro mundo” está cheio de gente que foi redimida justamente por ter ido para lá. É como se seus acertos e erros (principalmente estes) tivessem sido apagados ou ressaltados pela grande prova da morte. Há aqui muitos fatores que singularizam nossa situação diante de outras sociedades (a forte presença de religiões africanas e a ‘fisionomia’ da religião católica no Brasil, por exemplo) que mostram o quanto o olhar de Elias pode nos ajudar a buscar outras compreensões e, mais que isso, abordar aspectos como o fato de o Brasil vir se constituindo como “exportador” de seitas das mais variadas procedências. Para além disso, porque não pensar também no sentido e significado do discurso sobre a vida e a morte nos esportes? “Esporte é vida” e quantos não hão morrido pelo esporte e, mais que isso, quantos morrem em vida com o fracasso das suas ações esportivas? Como reagimos frente a morte num campo de futebol, num ringue de boxe ou numa pista de corrida de automóveis?

¹³ ELAIS, N., op. cit., p. 80.

¹⁴ ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*. P. 83-84.

No geral, parece-me que a solidão que nos assola está muito presa também a essa relação fantasiosa do homem com a morte. O fato de não termos criado novos ritos para a morte mostra apenas o distanciamento que nossas sociedades se põem em relação ao tema. Configura-se, assim, a dificuldade que os mais jovens têm em lidar com aqueles que estão muito velhos ou próximos da morte. Talvez aqui tenhamos mesmo que pensar a partir de algumas proposições expostas nesse “pequeno” texto do Elias. E valerá mesmo a pena fechar essas rápidas observações deixando que ele mesmo “fale”, com a esperança que lhe é peculiar. Isso porque

La represión social, el encubrimiento del desadociego que en nuestros días suele rodear todos los aspectos de la vida que tienen que ver con la muerte, sirve de escasa ayuda. Quizá se debería hablar más abiertamente y claramente sobre la muerte, aunque no se a más que dejando de presentarla como un misterio. La muerte no encierra misterio alguno. No abre ninguna puerta. Es el final de un ser humano. Lo que sobrevive de él es lo que ha conseguido dar de sí a los demás, lo que de él se guarda en la memoria de los otros. El ethos del homo clausus, del hombre que se siente solo, tocará pronto a su fin cuando deje de reprimirse la muerte, cuando se incluya este hecho en la imagen del hombre como una parte integrante de la vida. Si la humanidad desaparece, todo cuanto un hombre haya hecho, todo aquello por lo que han luchado los hombres entre sí, carecerá de sentido; y también carecerán de sentido todos los sistemas de creencias: los seculares o los sobrenaturales.¹⁵

Abstract

This article analyzes and discusses the book “La soledad de los moribundos”, by Norbert Elias. The text talks about death and growing-old, and the way the individuals in the past, and how we do nowadays. The way Elias deals with the subject makes the text a synthesis of the concepts he approaches in other books. Here I analyzed two aspects: first, the increasing degree of intern pacification in the modern society, and second, the high degree of individualization. The purpose of this paragraph was to show that Elias considers death and the treatment given to the dying people one of the weakest aspects of the modern societies.

¹⁵ ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*. P. 83-84.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ELIAS, N. *La soledad de los moribundos*. México: FCE, 1989.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- . *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b. v. 1-2.
- . *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LUCENA, R. F. De solidão e outras falas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E LAZER, 3., 1998, Piracicaba. *Anais ...* Piracicaba: UNIMEP, 1998, p. 250-256.
- MENNELL, S. A globalização da sociedade humana como processo social a muito longo prazo: teoria de Elias. In: FEATHERSTONE (Coord.). *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 381-394.
- PESSOA, F. *Poesia de Álvaro de Campos*, Ática, p. 284-286.